

# **Quem Ganhou Esta Batalha?**

## **(Juízes 4 e 5)**

**Bruce McLarty**

Após a derrota dos opressores moabitas, a terra de Israel ficou em paz oitenta anos (3:30). Todavia, fiel ao ciclo previsível do seu comportamento em Juízes, Israel tornou a se esquecer do Senhor e caiu na iniquidade. Desta vez, eles foram oprimidos vinte anos pelo rei cananeu Jabim, montando o palco para uma história maravilhosa de libertação pelas mãos de um dos heróis menos prováveis que já se viu!

### **O REI JABIM E O GENERAL SÍSERA**

Naqueles dias, Canaã não era uma nação unificada dirigida por um governo central. Em vez disso, era uma confederação indefinida de cidades-estados poderosas. O rei Jabim governava uma dessas regiões na parte em que habitavam as tribos do norte de Israel. A capital do seu governo, Hazor, ficava quinze quilômetros ao norte do mar da Galiléia e era uma das maiores cidades da Palestina. Devido à sua posição no meio de uma importante rota comercial que vinha do Egito, era um ótimo lugar de onde se podia dominar as tribos israelitas de Zebulom e Naftali, que habitavam nas montanhas a oeste do mar da Galiléia.

O comandante do exército de Jabim era Sísera, um general que estava acampado a pouco mais de cinquenta e cinco quilômetros dali, em Harosete-Hagoim (4:2). Tendo mais de novecentos carros de ferro sob o seu comando, ele aterrorizava os israelitas sem medo de retaliação. O trabalho em ferro era uma tecnologia que os israelitas não dominavam, e os carros de guerra talvez fossem as armas bélicas mais temidas

naqueles dias. O exército israelita, precariamente armado, tremia diante do barulho das rodas de um carro de guerra enquanto estes estrondavam pelo vale de Jezreel. O único lugar em que as pessoas estavam seguras era nas montanhas, onde os carros tinham dificuldade de percorrer o terreno. Encurralados nas montanhas e empobrecidos pelo domínio de Sísera, os israelitas eram obrigados a viver como animais amedrontados, mantendo-se fora de vista e sempre temendo lugares públicos. Mais tarde, Israel narraria esses dias cantando:

Nos dias de Sangar, filho de Anate,  
nos dias de Jael, as estradas estavam desertas;  
os que viajavam seguiam caminhos tortuosos.  
Já tinham desistido,  
até que eu, Débora, me levantei;  
levantou-se uma mãe em Israel (5:6, 7; NVI).

Em desespero, “clamaram os filhos de Israel ao Senhor” por socorro (4:3). Desta vez o socorro veio através de uma mulher chamada Débora, que estava julgando Israel naqueles dias. Mulheres juízas não eram a norma em Israel, e a presença dela como líder implica algo que é esclarecido posteriormente na história; os homens israelitas eram infiéis e medrosos. Por causa disso, “uma mãe em Israel” (5:7) teve de liderar os homens na batalha!

Quando Deus decidiu que era hora de pôr fim à opressão por parte dos cananeus, Débora chamou Baraque, um homem da tribo de Naftali, e ordenou-lhe que reunisse um exército de dez mil homens no monte Tabor, para que se prepa-

rassem para a batalha com Sísera (4:6)<sup>1</sup>. Embora as palavras de Débora fossem de Deus, Baraque relutou em seguir as instruções dela e propôs uma condição: “Se fores comigo, irei; porém, se não fores comigo, não irei” (4:8). Débora, provavelmente resfolegando, concordou em liderar, mas avisou Baraque que sua decisão significaria que uma mulher receberia a glória pela vitória sobre os cananeus.

A esta altura da história, é introduzido um trecho que parece ter pouco a ver com o assunto. Héber, um queneu nômade, descendente do sogro de Moisés, estava morando no leste do monte Tabor, entre a montanha e o mar da Galiléia. Ele e sua família cuidavam de seus negócios, pastoreando tranqüilamente os seus rebanhos e mantendo boas relações com o rei Jabim. É provável que Héber nem considerasse a possibilidade de que a iminente guerra entre Israel e Canaã envolvesse a sua pessoa e a sua família!

Quando chegou a Sísera a notícia de que Baraque havia juntado dez mil israelitas no monte Tabor, imediatamente, ele viu esse ato pelo que ele era: uma preparação para guerra. O exército de Israel estava posicionado entre Sísera e seu rei, que estava em Hazor! Esse ato de provocação era um convite para guerra, e Sísera respondeu com desforra. Ele partiu de Harosete-Hagoim com todos os seus soldados e seus novecentos carros de ferro. Israel ousara desafiar o poderoso Sísera, e eles iriam pagar caro por essa insolência. Pelo menos era isso o que Sísera estava pensando no dia em que saiu do seu quartel.

Os dois exércitos estavam a caminho de se colidirem no rio Quisom. O “rio” era na verdade uma vereda, um leito de rio com um pequeno escoamento durante a estiagem, mas que, durante uma forte chuva, rapidamente se transformava numa corrente feroz. Quando o chão estava seco e duro, servia como uma trilha perfeita para os carros de guerra. Todavia, quando chovia, virava um atoleiro e inutilizava os carros de ferro; e foi exatamente isto o que aconteceu naquele dia.

A batalha começou quando Débora gritou

---

<sup>1</sup>É possível que as palavras de Débora tenham sido: “Não ordenou Iavé?”, indicando a relutância de Baraque em obedecer à ordem prévia do Senhor! Certa versão comentada inclui a seguinte nota: “*Não ordenou... Iavé?* A pergunta pressupõe que os ouvintes em geral já estavam cientes da relutância de Baraque...” (Robert G. Boling, *Judges* [“Juizes”], *The Anchor Bible*, vol. 6. Nova York: Doubleday, 1975, p. 95).

para Baraque: “Vá!” (4:14; NVI). Para mérito seu, Baraque desceu a montanha em ataque, seguido por dez mil israelitas. É difícil avaliar totalmente a coragem que foi necessária para esse excessivo número de “soldados”, mal-treinados e precariamente equipados, deixarem suas posições seguras na montanha e correrem para o campo aberto e plano, onde os carros e os soldados de Sísera os aguardavam para aniquilá-los. Nem deveria ter acontecido uma peleja naquele dia, mas o Senhor, o Deus de Israel, livrou o Seu povo — com uma tempestade! Débora e Baraque mais tarde cantaram:

Desde os céus pelejaram as estrelas contra  
Sísera, desde a sua órbita o fizeram.  
O ribeiro Quisom os arrastou,  
Quisom, o ribeiro das batalhas... (5:20, 21).

Quando a chuva começou a cair e o leito do rio ficou alagado, a terra seca e firme, de repente, virou uma armadilha barrenta para os carros de ferro. Um carro de guerra que não se move não serve para nada! Aquilo que antes era a maior vantagem dos cananeus, de repente, se tornou a pior desvantagem. Os soldados de Sísera começaram a sair de seus estimados carros de guerra, fugindo da perseguição dos israelitas. Antes do final do dia, Sísera foi completamente derrotado, “sem escapar nem sequer um” (4:16).

O próprio Sísera fugiu a pé, indo para a tenda de Jael, esposa de Héber, o queneu anteriormente mencionado. Parcialmente ciente de quem era Sísera e do que acontecera, Jael o convidou para entrar na tenda e ofereceu-se para escondê-lo. Desesperado e exausto, ele aceitou. Morrendo de sede, Sísera pediu água e Jael lhe trouxe um odre cheio de leite. Talvez ela tenha lhe trazido simplesmente o que tinha mais perto, ou talvez ela tenha lhe trazido leite porque, especialmente leite quente, e ainda de cabra, era a versão antiga das nossas pílulas para dormir. Certo escritor especulou o seguinte: “ela o tapeou e o dopou”<sup>2</sup>. Quaisquer que tenham sido suas intenções, Jael cobriu Sísera e logo ele pegou no sono. Então, pegando silenciosamente uma estaca da tenda e um martelo, ela foi até o general que dormia e cravou a estaca na têmpora dele, até penetrar na terra. O reinado de terror de Sísera no norte de Israel estava acabado!

Logo depois, Baraque chegou à tenda de Jael

---

<sup>2</sup>Boling, p. 98.

atrás de Sísera. Ela o convidou a entrar e lhe mostrou a horrível cena. Débora dissera anteriormente que a glória da vitória seria de uma mulher, e agora Baraque reconhecia que Jael era a mulher da profecia. Esse foi o fim da linha para Sísera e o começo do fim para o rei Jabim (4:23, 24). Houve paz novamente na terra de Israel, desta vez por quarenta anos (5:31).

### O ELENCO

Quando a poeira assentou, Israel viu-se diante de três heróis pouco promissores. Em primeiro lugar estava Débora, uma juíza que nem teria estado no campo de batalha se os homens de Israel fossem corajosos o bastante para irem sozinhos. Depois, havia Baraque, o guerreiro relutante que vacilou entre a covardia paralisante e a bravura magnificente. Por fim, havia Jael, a esposa de um nômade que, por acaso, estando no lugar certo e na hora certa, teve a atitude certa. Ela se tornou a assassina de um assassino. Antes de completarmos a lista de personagens desta história, temos de acrescentar mais um nome, o nome do Senhor, o Deus de Israel. Pouca atenção é dada a Ele na história, mas o que é dito pressupõe que foi Ele quem livrou Israel:

*E o Senhor derrotou a Sísera, e todos os seus carros, e a todo o seu exército a fio de espada, diante de Baraque; e Sísera saltou do carro e fugiu a pé (4:15; grifo meu).*

*Assim, Deus, naquele dia, humilhou a Jabim, rei de Canaã, diante dos filhos de Israel (4:23; grifo meu).*

Outros desempenharam papéis importantes, mas não podemos errar numa coisa: foi Deus quem controlou o desfecho da batalha.

### EM VOLTA DA FOGUEIRA

Imaginemos como estava o acampamento dos israelitas na noite logo após a batalha. Enquanto se aqueciam sentados em volta da fogueira, deviam gabar-se da quantidade de cananeus que mataram num só dia. Talvez tenham entalhado suas lanças com símbolos que os fizessem lembrar aquela proeza. Pode ser que agissem como um galo que se senta numa cerca e canta ao raiar do dia e depois se escora no curral o dia todo assumindo o crédito pelo nascer do sol. Talvez estivessem cultivando secretamente a expectativa de que as mulheres e as crianças entoariam canções sobre a bravura deles no combate. É provável que tudo isto tenha de

fato acontecido.

Por outro lado, é possível que naquela noite, no acampamento, houvesse um silêncio sagrado enquanto os homens refletiam nos acontecimentos maravilhosos que ocorreram de dia: o ataque suicida vale adentro; o terror na presença daqueles carros de guerra endemoninhados, a surpresa diante do aguaceiro repentino e da rápida enchente, a incredulidade ao ver os carros atolados na lama e o exército de Sísera fugindo desesperadamente, o repentino surto de confiança enquanto corriam e gritavam e perseguiam o mesmo exército que haviam temido vinte anos. Talvez pelo menos alguns homens tenham entendido que era tolice gabar-se e entalhar lanças e, em vez de fazerem como os outros, tenham sido levados a adorar.

Dentre todas as qualidades que o povo de Deus deve ter, arrogância não é uma delas! Como confessou Paulo: “Mas, pela graça de Deus, sou o que sou” (1 Coríntios 15:10). Ele sabia que suas melhores credenciais e seus maiores esforços eram “refugo” (Filipenses 3:8) quando colocados ao lado das realizações divinas em Cristo. A confiança e a esperança do apóstolo se baseavam na obra de Deus, e não na obra de Paulo. A resposta de fé do apóstolo nada mais era do que virar a palma da mão para o céu para receber o dom do perdão imerecido. O fato de ser batizado não era uma “boa obra” que contra-balanceava os erros do passado; era o ato humilde e desesperado de submeter-se à vontade dAquele que o amou e deu-Se a Si mesmo por ele.

### CONCLUSÃO

Como é possível sermos arrogantes em relação a algo que nos é dado e não conquistado por nossas próprias mãos? Quer estejamos falando da salvação, quer estejamos nos referindo a realizações pessoais, ou ao crescimento da igreja,

Tiago 1:17

“Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança.”

Pensar de outra maneira equivale a sentar-se com os israelitas gabando-se de *sua* vitória sobre os cananeus! □